

O teatro feito com e para crianças no Recife

Leidson Malan Monteiro de Castro Ferraz

leidson.ferraz@gmail.com

Lacuna e apagamento. É o que se pode dizer sobre a história da infância no correr dos séculos. Tanto que na etimologia da palavra infância, infante é aquele que não fala, não tem voz e vez, uma tradução infelizmente perfeita. Esquecida como ser social, por não produzir economicamente, a criança por muito tempo foi ignorada ou apenas vista como um adulto em miniatura e, mais, dependente. Não havia lugar para elas no mundo e somente no início da Idade Moderna, com o Renascimento e o homem adquirindo centralidade e reconhecendo-se como produtor do seu destino, numa sobreposição da razão à fé divina, a infância constituiu-se como uma categoria social própria com futuras possibilidades.¹

A partir daí compreendida como um indivíduo com importante papel a desempenhar na sociedade, por ser formado e educado, surgiu, assim, a preocupação com meninos e meninas:

Cabia, então, investir na infância e na criança em vista das possibilidades de construção do futuro da humanidade. É nesse sentido que a Modernidade, criança e infância se entrelaçam, de forma que a infância se viabilizaria pela formação humana e a criança seria o alvo de tal construção (ARAÚJO, 2007, p. 183).

Segundo artigo da educadora Roseane Bernartt,² no Brasil, esta concepção de infância, firmada desde o século XVII, apresentava-se diferentemente conforme a situação econômica de cada uma. Tanto que, marcadas por abandonos e crueldades, “entre 1845 e 1847, a mortalidade de crianças até dez anos de idade representava 51% do total de falecimentos”:

Essa realidade fez com que as crianças passassem a ser alvo do movimento higienista. O higienismo surge no fim do século XIX, como uma nova mentalidade que se propunha a cuidar da população, ensinando novos hábitos. O objetivo desse movimento era produzir sujeitos higiênicos, higienizados e higienizadores. Segundo Gondra (2003), a educação era o caminho privilegiado a disseminar a perspectiva higienista e higienizadora entre a população. “Para

¹ Para mais detalhes: ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981; PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Crianças no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

² BERNARTT, Roseane Mendes. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2601_1685.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

tanto, hospitais, presídios, hospícios, igrejas, cemitérios, quartéis, a casa e a própria escola foram sendo convertidos em pontos estratégicos por intermédio dos quais o programa civilizatório será posto em funcionamento, conquistando lugares de enunciação, difusão e de realização de práticas a ele associados”.

Não por acaso, o médico, músico e teatrólogo Valdemar de Oliveira, um dos homens mais influentes da cultura no Recife do século XX, especializou-se em Higiene. O pensamento que trouxe em 1939, ao propor uma ousada iniciativa na programação do Teatro de Santa Isabel, a mais importante casa de espetáculos da capital pernambucana, finalmente recebendo um projeto de peças voltadas especificamente à infância, com dramaturgia própria e artistas mirins em cena, dialogava com esta perspectiva higienizadora em seus aspectos educacionais de formação de cidadãos em desenvolvimento.

Tanto que a concepção do teatro para crianças que ele acreditava, ainda que com obras carregadas de sentido disciplinador e de normatização social, mas sem esquecer o elemento lúdico e a fantasia, tinha como maior bandeira o seu caráter educacional e didático até – como jornalista, desde 1934 ele já reclamava que o teatro para crianças deveria existir no Brasil com um grupo dedicado a este gênero especificamente, seguindo exemplo de países como Rússia, França e Argentina. Sobre os objetivos principais de sua ação, eis o que Valdemar de Oliveira (1985, p. 139) revelou no livro de memórias *Mundo Submerso*:

[Teatro] Para crianças – e por crianças, porque sua meta não seria divertir, mas, instruir, sem que elas desconfiassem disso. Planejei aproveitar vocações existentes nos meios escolares, fazê-las interessar-se pelo teatro, ensiná-las a falar, a andar, a cantar, a dançar, a portar-se e comportar-se. Mais dez ou quinze anos, esperava eu, essa miuçalha viria a constituir numeroso público teatral e, o que é mais significativo, reforçaria os quadros amadoristas da cidade, como de fato sucedeu, para exemplificar, com um José Maria Marques, uma Janice Cantinho Lôbo, um Reinaldo de Oliveira, que vieram a integrar-se no elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco. [...] Hoje, há médicos, advogados, engenheiros, donas de casa, viúvas, vovôs e vovós, que não esquecem, tenho certeza, o Teatro Infantil, com que criamos a plateia de vinte anos mais.

Para além da formação de público futuro e de artistas, um projeto civilizatório de cada cidadão-criança permeou toda a sua proposta, inclusive nos aspectos políticos doutrinários, já que mais à frente peças de cunho nacionalista fizeram parte deste repertório proposto à infância. Foi ao assumir a direção do Teatro de Santa Isabel, a convite do prefeito do Recife, Novaes Filho, com aprovação do interventor federal Agamenon Magalhães, logo após a morte

do também teatrólogo Samuel Campello, diretor anterior daquela casa de espetáculos, que Valdemar de Oliveira pôde propor a criação das matinais infantis teatrais, todo domingo de manhã, naquele palco. Até então, teatro infantil no Recife era sinônimo de peças interpretadas por crianças nas escolas ou nos cineteatros dos subúrbios, quando exibiam-se garotas e garotos prodígios que cantavam, dançavam ou interpretavam textos curtos em números variados, assim como acontecia nos programas comemorativos de rádios ou festivais de arte dos educandários que ocupavam o Teatro de Santa Isabel, especialmente a cada final de ano.

A ideia de promover naquela luxuosa casa de espetáculos teatro com dramaturgia específica para a “petizada”, como se falava na época, numa sequência de matinais aos domingos que reconheceu a meninada como público consumidor de arte, nasceu para Valdemar de Oliveira [193-]³ assim que viu os dois filhos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, brincando de “interpretar”, logo após uma sessão de cinema:

Mandei, certo domingo, meus filhos a uma *matinê* cinematográfica, no *Moderno*, do Recife. No dia seguinte, um deles empunhou uma faca para o outro e andaram em correrias desabaladas, dando tiros... de boca, pelo quintal. Um era *xerife*, outro o bandido... Nesse dia, decidi-me a empreender espetáculos para crianças no Recife.

Foi o que escreveu, lembrando ainda a falta de divertimentos educativos nas poucas distrações oferecidas à infância naquele momento. A primeira encenação feita com e para crianças a ocupar o Teatro de Santa Isabel, a convite dele, foi a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, do Grêmio Cênico Espinheirense, em 1939, um marco para a produção cênica voltada às crianças em Pernambuco. Foi assim que se deu início ao projeto das matinais infantis dominicais naquele palco, oportunizando ao público infantil teatro específico ao seu mundo. Mas quais as opções de teatro para a infância que existam antes na capital pernambucana?

Partindo dos pressupostos do historiador David Lowenthal (1998) ao afirmar que tocamos apenas de forma tangencial o nosso conhecimento do passado, sendo ele fugidio, repleto de resíduos, pequenas frações, fragmentos dos fragmentos, e que o que aconteceu jamais pode ser verdadeiramente conhecido, serão aqui pontuados momentos da relação da criança com a arte teatral na cidade do Recife, não negando que este painel tem um caráter seletivo de lembranças ao escolher como principais fontes, além de livros sobre a história do teatro no Brasil, periódicos da imprensa recifense ao longo dos tempos. No entanto, este

³ OLIVEIRA, Valdemar de. O Teatro Infantil, no Recife. Acervo Teatro de Amadores de Pernambuco. [193-].

mapeamento que relembra o passado é crucial para nosso sentido de identidade. Afinal, saber o que fomos confirma o que somos.

Compreende-se que desde que chegou às terras brasileiras trazido pelos portugueses, o teatro nunca fez distinção entre as plateias adultas ou infantis, a começar das apresentações de caráter missionário realizadas pelo teatro jesuítico no Século XVI. No livro *Pequena História do Teatro no Brasil*, o pesquisador Mario Cacciaglia (1986, p. 83) anota que uma das primeiras peças representadas no país, *Diálogo Sobre a Conversão do Gentio*, do padre Manuel da Nóbrega, quando de sua exibição no Espírito Santo em 1583, contou com os próprios índios como atores:

[...] e um coro de crianças nuas e sarapintadas [que] alegraram o espetáculo com gritos de guerra e danças desenfreadas. Outros meninos indígenas dançaram e cantaram quadras pastoris ao ritmo de violas, tambores e flautas.

Ou seja, o nosso teatro já nasceu voltado a todas as idades, tendo garotos na plateia ou mesmo representando. Com o passar dos anos, em meio a religiosos, indígenas e, mais à frente, estudantes – as poucas personagens femininas eram jovens travestidos –, as crianças formavam o público perfeito para apreender lições de conversão e educação nas exibições por pátios de colégios, procissões, no adro das igrejas ou ao ar livre. E se nos séculos XVII e XVIII vemos o teatro confundido com as festividades públicas e sofrendo até mesmo a proibição de acontecer em qualquer parte da nossa jurisdição por meio de uma pastoral religiosa, somente com o alvará de 17 de julho de 1761, assinado pelo Marquês de Pombal, foi instituída a necessidade de casas de espetáculos em todo o território nacional.

No Recife, em 1772, surgiu, então, a Casa da Ópera, o primeiro teatro em terras pernambucas, um edifício térreo localizado no bairro de Santo Antônio, onde hoje é a rua do Imperador. Nos 78 anos em que esta casa de espetáculos sobreviveu, ainda que tenha tido de grandiosas a medíocres produções em sua programação esporádica, vindas principalmente do estrangeiro, não encontramos registros de peças voltadas à meninada, mas é quase certo que os filhos da melhor sociedade deviam acompanhar seus pais àquela diversão adulta que, se na cultuada França era sinônimo de elegância, no Recife ocupava um local de fama bastante duvidosa. A promiscuidade praticada ali por homens e mulheres costumava fechar o teatro constantemente por decisão policial.

No entanto, dá para imaginar que garotos de todas as classes sociais, seja nos camarotes ou na plateia composta por caixeiros e comerciantes, deleitavam-se com as comédias ali representadas ou ainda os dramalhões, as peças de quaresma, os números de danças e cantos ou durante as temporadas líricas, bem mais constantes. No mais, presume-se que a sensação para o público mirim devia ser as noites de prestidigitação e fantasmagoria, a exemplo das récitas do Mr. Siasset em outubro de 1829, que, segundo Valdemar de Oliveira ([197-], p. 30) na pesquisa intitulada *Origem do Teatro, no Brasil*, ainda inédita, prometia “estudos até sobrenaturais”, trazendo a cada noite uma “nova invenção de Ótica e Química”. Aos poucos, os pernambucanos foram aventurando-se a ocupar a cena nas primeiras sociedades dramáticas do Recife, ainda no século XIX.

Estas, em número bem reduzido, costumavam apresentar espetáculos sociais com pretensão de agradar a toda a família, mesmo que a maioria fosse exibida no horário noturno das 20h30 e com temáticas nem sempre atraentes à meninada. O Congresso Dramático Beneficente, fundado em 12 de junho de 1884, e a Distração Dramática Familiar da Torre, atuante a partir de 1896, esta última com “teatrinho” próprio e elegante, segundo o *Diário de Pernambuco* (26 out. 1902, p. 2), são exemplos daquele momento, quando ainda não havia espetáculos direcionados a criança mas as comédias de costume serviam para entretê-las. Não era raro surgir na imprensa alguns chamarizes, como a oportunidade de ver um espetáculo de variedades ou a distribuição de bombons aos pequeninos espectadores, mesmo nas sessões noturnas.

Foi então que o Brasil viu a “febre” de meninos e meninas prodígios transformados em estrelas de espetáculos para agradar as famílias no tradicional horário noturno das 20h30. Talvez a primeira destas equipes a chegar no Recife tenha sido a Companhia Infantil de Zarzuelas, que aportou no Teatro de Santa Isabel em agosto de 1893, trazendo a família do ator e empresário Raphael Arcos, sua esposa e também atriz Raphaela Fernandez, junto às crianças Raphael, Fernando e Maria. A temporada, que deveria acontecer por 30 dias, foi encerrada antes do previsto, com a equipe partindo em viagem de navio para o Maranhão. Logo na estreia, um cronista do *Jornal do Recife* (8 ago. 1893, p. 3) atestou: “Não é o que se pode chamar uma boa companhia que provoque entusiasmo à plateia, porém também não quer dizer que não seja digna de aplausos”. As crianças, claro, foram muito mais valorizadas artisticamente do que os adultos em cena.

Bem melhor recebida foi a Grande Companhia Infantil do Rio de Janeiro, que causou verdadeiro furor na plateia masculina ao chegar à capital pernambucana em maio de 1899, isto porque as jovens do elenco foram recebidas como verdadeiras divas e, mesmo implicitamente, esbanjavam certo apelo sexual. Tanto que suas fotografias eram expostas no teatro, em livrarias, e comercializadas até em cafés da cidade. A temporada aconteceu no Teatro de Santa Isabel com um repertório eclético de revistas, operetas, zarzuelas, vaudevilles, comédias e canções, com destaque para a opereta *Os Sinos de Corneville*, a revista madrilena *A Gran-Via*, a zarzuela espanhola em um ato *O Dominó (La Mascarita)*, e a peça sacra *Milagres de S. Benedito*, de Souza Pinto.

No elenco de moças e rapazes, Elvira Guedes, Consuelo Uhles, Deocleciano Costa e Franklin de Almeida, entre outros, sob regência do maestro Sotter dos Santos e direção artística do ator Phebo. Ali começou o partidarismo entre estudantes e comerciantes, divididos entre “elviristas” e “consuelistas”, louvando cada qual sua artista mirim preferida. Chegaram mesmo a confrontos físicos na época! As sessões aconteciam quase que diariamente, sempre às 20h30. Na despedida, a 1 de junho de 1899, finalmente uma matinê foi programada, especialmente oferecida à infância pernambucana, com apresentação do 2º ato do vaudeville *Niniche*, com música de M. Boullard, seguido da zarzuela *O Dominó*. Os anúncios de jornal chamavam a atenção que o elenco seria constituído “por todos os petizes da Companhia!”.

A vitoriosa equipe voltou ao Recife a 2 de junho de 1900, depois de sucesso pelo Espírito Santo, Amazonas, Maranhão e Paraíba, ficando em cartaz até 31 de julho daquele ano, tendo como novo destaque Luiz de França, um ator alagoano já radicado em Pernambuco. Duas obras musicadas em repetição, *Marcha de Cadiz* e *Tim-Tim Por Tim-Tim*, foram os maiores sucessos desta vez. No meio da temporada, Consuelo Uhles abandonou a equipe e realizou um espetáculo em benefício próprio a 29 de julho de 1900. Após tanto alvoroço dos espectadores, a Grande Companhia Infantil do Rio de Janeiro acabou dissolvida no Recife, mesmo após duas brilhantes temporadas, ambas com disputas entre duas alas masculinas no intuito de consagrar suas artistas prediletas.

Em paralelo às visitas das companhias estrangeiras ou que chegavam principalmente do Rio de Janeiro, todas com foco no público adulto, a produção local recifense foi crescendo nestes primeiros anos do século XX, com novas sociedades dramáticas aparecendo, praticamente todas com “teatrinhos” próprios. Entre estas, a Arcádia Dramática Beneficente Pinheiro Chagas, em atividade entre 1906 e 1908, no Pátio do Carmo; o Grêmio Dramático

Espinheirense, atuante entre os anos de 1907 a 1915, no bairro do Espinheiro; e a Diversão Dramática Familiar Júlio Dantas, fundada em 1908 e com registro de atividades até 1911. A programação, sempre que possível mensal, apresentava um drama em três atos seguido de uma comédia em um ato.

A 25 de julho de 1909, por exemplo, a Polínia Dramática Areiense realizou mais um espetáculo social para os seus associados no “teatrinho” que possuía no bairro de Areias, com o drama em dois atos *Como Deus Castiga*. Num dos intervalos, houve sorteio de uma boneca entre as crianças presentes. Em seguida, foi apresentada a comédia *O Criado Distraído* (raramente os autores eram divulgados). Paralelo à programação local, as grandes companhias que chegavam de fora também passaram a agendar sessões especiais aos pequeninos, ainda que o foco estivesse nos familiares que pagavam ingresso. Em abril de 1910, numa turnê com a Grande Companhia Dramática do Theatro da Exposição Nacional de 1908, a atriz Lucília Peres programou uma grandiosa matinê dominical no Teatro de Santa Isabel com a peça *Rei dos Ladrões*, dando entrada grátis às crianças e ainda distribuindo-lhes bombons.

Com a aparição do cinema no Recife no início do século XX, aos poucos foram sendo instituídas as matinês infantis como opção de diversão. O teatro não escolheu esta segmentação, e meninas e meninos continuavam frequentando os mesmos espetáculos vistos por adultos, mas quase sempre pagando ingresso com preço menor ou tendo entrada franca, desde que acompanhados de alguém da família (certamente para atrair aqueles familiares que não podiam estar no teatro à noite ou não tinham com quem deixar suas crianças). Desde o Cinema-Pathé, o primeiro a funcionar na capital pernambucana, inaugurado no dia 27 de julho de 1909, na antiga rua Barão da Vitória, hoje rua Nova, as sessões começavam ao meio-dia e seguiam continuamente até às 22 horas. O mesmo aconteceu com o Cinema Royal, lançado em 6 de novembro de 1909, na mesma rua Barão da Vitória, com matinê do meio-dia às 16 horas já em seu 2º dia de funcionamento. Na mesma data, no Teatro de Santa Isabel, a visitante Companhia Miranda oferecia uma matinê de *A Viúva Alegre*, ópera cômica de Franz Lehar, às 14 horas, com distribuição de bombons às crianças.

Já no Cinema Popular, surgido em 4 de setembro de 1910, no bairro de São José, as sessões iniciavam-se mais cedo ainda, às 10 horas. Os filmes curtos programados misturavam dramas e comédias e espécies de documentários do cotidiano mundial. Ainda no decênio 1910, surgiram novas casas de diversões no Recife. O Teatro-Cinema Helvética foi inaugurado em 26 de março de 1910, na rua Dr. Rosa e Silva, hoje rua da Imperatriz, mas já

nos anos 1920 só apresentava funções cinematográficas e números de variedades (o Pequeno Edson, integrante da Companhia Infantil de Variedades, chegou a ser aclamado “o ídolo da petizada” durante temporada em 1926). Ainda em 6 de outubro de 1911 surgiu o Polytheama Pernambucano (mais à frente, Cine-Teatro Polytheama), funcionando na rua Barão de São Borja, também no mesmo estilo.

No ano de 1915 o Recife viu ser erguido o Teatro do Parque, inaugurado na rua Visconde de Camaragibe, hoje rua do Hospício, no dia 24 de agosto (em janeiro de 1920 o espaço recebeu temporada vitoriosa da Companhia Lyrica Juvenil com várias óperas); o Cine Ideal, funcionando na rua Vidal de Negreiros, no Bairro de São José; e o Teatro Moderno, lançado em 15 de maio de 1915, em frente à Praça Joaquim Nabuco, cineteatro que costumava marcar apresentações cênicas antes de cada exibição cinematográfica. Lá, no início dos anos 1920, os humoristas João Bozan e Tampinha fizeram sucesso nas matinês infantis programadas aos domingos pela manhã, com farta distribuição de bombons à “petizada”, como se falava na época, em meio a concursos infantis.

Como o tímido segmento teatral no Recife continuava a ser dominado pela presença de companhias nacionais ou internacionais em itinerância, frente às poucas iniciativas de artistas locais, algumas daquelas equipes continuaram a programar sessões especiais dedicadas à meninada, mas com os mesmos espetáculos apresentados à plateia adulta, já que ainda não havia o conceito de censura e distinção de faixa etária para público específico. No entanto, provavelmente as partes de maior malícia eram amenizadas. Este foi o caso, por exemplo, das companhias de revistas que chegaram ao Recife no ano de 1927 para o Teatro do Parque, oportunizando ao público mirim assistir o mesmo repertório oferecido à noite aos adultos, com sessões agendadas nas “Matinês Infantis” dos domingos, às 14h30.

A Companhia Negra de Revistas, que tinha como um de seus astros aquele que futuramente seria conhecido como o Grande Otelo, na época um menino com “aquela pôse toda de gente grande”, segundo o jornal *A Província* (13 abr. 1927, p. 3), ofereceu duas matinês ao mundo infantil pernambucano durante sua temporada no Teatro do Parque, em abril de 1927, com a revista *Café Torrado* e cobrança de ingressos. Já a Companhia Nacional de Revistas do Rio de Janeiro, no mesmo Teatro do Parque, em junho de 1927, programou para a meninada as revistas *À La Garçonne* e *Meu Bem, Não Chora...*, ambas com farta distribuição de bombons oferecidos pela fábrica Renda, Priori & Irmão. Vale lembrar que era

mais comum às crianças ter como opção cultural a presença de ventríloquos, mágicos e animais amestrados nos teatros.

Somente no ano de 1930 uma equipe local, o Grupo Cine-Teatro, lançada pelo Teatro Moderno, passou a agendar uma matinê específica para a criançada, curiosamente com uma peça que provavelmente não tinha nenhum interesse aos pequeninos espectadores, *O Amor Faz Coisas...*, de Samuel Campello. Tanto que a iniciativa não teve reprise. No dia 17 de maio de 1931 aconteceu outra matinê infantil com texto aparentemente mais atrativo, *A Máscara Verde*, obra cômica francesa de autor e diretor não revelado, como lançamento do grupo Arts Nouveaux. O *Diario de Pernambuco* (5 mai. 1931, p. 3) ressaltou que aquele era um “magnífico vaudeville que por suas constantes situações ultracômicas bem merece a expressão de verdadeira fábrica de gargalhadas”. A programação foi encerrada com um ato variado de canto. Num dos intervalos foram sorteados brindes às crianças.

Ainda no mês de junho de 1931 surgiu a notícia no *Diario de Pernambuco* (12 jun. 1931, p. 3) que o carioca José Carlos Queirolo, popularmente conhecido por Chicharrão, iria exhibir no Cine Teatro da Paz, no bairro de Afogados, por três matinês às 15 horas, a começar daquela data, o seu interessante conjunto de animais: “[...] a cobra equilibrista, o macaco que dança maxixe com sua companheira Dondoca, o burro diplomata, a macaca que trabalha na bola e se equilibra no arame e os cachorros acrobatas”. Por sua vez, enquanto o Teatro Moderno recebia a instalação de aparelhos para renovação do ar na sua sala de espetáculos, continuavam naquele centro de diversões, aos domingos, as “Matinês Infantis” com filme seguido do ventríloquo Argo e Sua Troupe de Bonecos, além do sorteio de brindes.

Com o aparecimento do Grupo Gente Nossa em agosto de 1931, liderado pelo diretor do Teatro de Santa Isabel, o teatrólogo Samuel Campello, no domingo 15 de novembro de 1931, às 14h30, foi programada a primeira vespéral infantil da equipe com o sainete *Mamãe Quer Casar*, tradução de Celestino Silva para obra argentina. Crianças acompanhadas não pagavam ingresso. A peça, contando apenas com intérpretes adultos, conseguiu agradar a “petizada”, mas ainda não era uma dramaturgia específica para meninos e meninas, e, sim, voltada para toda a família ou mesmo só interessando aos adultos. Uma nova vespéral foi realizada no domingo 22, com distribuição de bombons e apresentação das farsas *Atrapalhações de Um Noivo* e *Engano da Peste*, seguidas de anedotas caipiras por Barreto Júnior e Renato Marques e números de canto com Lélia Verbena, Zuzu Rocha e Armando

Lívio. A iniciativa não deu certo e ganhou explicação no *Diário de Pernambuco* (28 nov. 1931, p. 4):

Sendo difícil conseguir peças que interessem a criançada e, ao mesmo tempo, as pessoas adultas, o Grupo Gente Nossa resolveu acabar com os vesperais infantis. Era desejo do Grupo realizar também tardes femininas, o que, entretanto, agora não é possível fazer. Assim, pois, resolveu dar apenas vesperais aos domingos, sem a denominação de infantis, mas não impróprias para crianças em que estas tenham entradas grátis, bem como fazer abate nos preços de entradas para senhoras e senhorinhas.

Mesmo assim, não foram poucas as vezes que o Grupo Gente Nossa iria oferecer peças pretensamente para todas as idades em horários específicos à meninada, exatamente a partir de 1932, ano em que, além de obras declamadas, o coletivo passou a programar operetas e burletas. No mês de março, continuando sua intensa programação no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Gente Nossa ofereceu a peça *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ari Pavão, com música de Sá Pereira, evento que deu entrada franca às crianças acompanhadas e que contou com um ato variado em sequência com a participação do repentista Minona Carneiro e do tenor Vicente Cunha, entre outras atrações.

A partir daí, foram muitas as montagens que tentaram reunir público de todas as idades na plateia, com destaque a textos como *O Interventor*, de Paulo de Magalhães, e *A Rosa Vermelha*, opereta de Samuel Campello (libreto) e Valdemar de Oliveira (partitura musical), tendo a atriz/cantora Maria Amorim como protagonista. Bem recebida por público e crítica nas sessões noturnas anteriores, esta peça fez uma vesperal especial para crianças (com estas mais uma vez entrando grátis, se acompanhadas da família), terminando com um ato variado em que Minona Carneiro cantou emboladas. Em agosto de 1932, nova tentativa com *O Homem da América*, comédia de Francisco Dornellas, desta vez com abatimento no ingresso para estudantes e crianças.

Importante lembrar que no início daquele ano, foi a pequena “black-girl” Little Esther, dançarina negra com doze anos de idade e já afamada em todo o mundo, quem surgiu como a primeira “estrela” a aportar no Teatro de Santa Isabel, acompanhada de sua Breakaway Jazz e do artista cômico brasileiro Valdomiro Lôbo, este em números de canto, declamação e contos humorísticos. A menina norte-americana, uma “endiabrada negrinha”, “rival de Josephine Baker”, como a chamavam na imprensa, já era conhecida do público recifense por ter sido um dos destaques do filme *Follies 1929*, da Fox-Film. Ela conseguiu fazer várias matinês e

soirées (sessões à tarde e à noite) no Teatro de Santa Isabel, sempre com casa cheia, atraindo espectadores de todas as idades.

O fato é que, até o lançamento das matinais dominicais com dramaturgia específica para as crianças e elenco de meninos e meninas como intérpretes e não mais atores adultos, algo que só aconteceria em 1939, o Grupo Gente Nossa tentou, por diversas vezes, chamar a atenção de garotos e garotas do Recife, garantindo atrativos aos seus familiares na plateia. *Chuva de Filhos (Meu Bebê)*, do francês Maurice Hennequin, “peça para rir do princípio ao fim”, segundo o *Diário de Pernambuco* (4 dez. 1932, p. 8), foi outra obra naquele ano de 1932 que também ganhou sessão especial à petizada, em vespéral. Numa fase vitoriosa, o Grupo Gente Nossa ainda fez o remonte de *A Honra da Tia*, comédia de Samuel Campello lançada em 1931, agora com crianças entrando gratuitamente na plateia, além da distribuição de brindes e bombons. Números de variedades também foram vistos nos intervalos de cada ato.

A estreia do mês de dezembro de 1932 foi *O Cazuza Não Tem Pai!*, sainete cômico de Djalma Bittencourt, voltado a todas as idades. Além de números de canto e declamação nos intervalos, mais brindes foram distribuídos às crianças. O momento era tão promissor que *O Cazuza Não Tem Pai!* voltou à cena em janeiro de 1933. A seguir, foi a vez da opereta *O Gato Escondido*, libreto de João Valença, com música de Raul Valença, ganhar também sua vespéral, assim como aconteceu com a comédia *O Amigo Tobias*, original espanhol da dupla André del Prada e González del Toro, com tradução de Brandão Sobrinho, aqui acompanhada de números de canto e a Jazz Gente Nossa tocando nos intervalos.

O lançamento de *Bombonzinho*, de Viriato Corrêa, no Teatro de Santa Isabel, se deu a 10 de março de 1933, às 20h45, com vespéral em sequência no dia 12, às 15 horas, em mais uma récita com entrada franca às crianças acompanhadas. Encerrando a série de espetáculos daquele mês e com o objetivo de estimular a produção dramática local, subiu à cena no dia 30 a opereta de costumes regionais *Coração de Violeiro*, dos Irmãos Valença, “trabalho contendo uma partitura lindíssima e um libreto capaz de fazer rir ao mais sisudo espectador”, assegurou o *Diário de Pernambuco* (29 mar. 1933, p. 5). Meninas e meninos pagavam ingresso (a sessão começou às 21 horas, numa quinta-feira). Devido ao êxito da estreia, a peça retornou em vespéral de despedida no dia 1 de abril de 1933, um sábado à tarde, agora com as crianças acompanhadas entrando gratuitamente.

Com a chegada do ano de 1934, foi a vez de aportar no Recife a Companhia de Grandes Atrações Vilar-Azevedo para temporada de seis dias no Teatro Moderno, com apenas uma matinê infantil. Procedente do Teatro Cassino de Buenos Aires, a equipe era liderada por Júlio Vilar, ilusionista já conhecido do público recifense, acompanhado dos acrobatas e malabaristas Irmãos Azevedo, dos gladiadores Os Almeidas, e dos cães amestrados Fly and Jambo, que faziam operações aritméticas. Em dezembro de 1935 nova oportunidade aconteceu às crianças com a inauguração da Festa da Mocidade no Parque 13 de Maio, por estudantes de escolas superiores da cidade, em prol da Casa do Estudante de Pernambuco. O evento atraía multidões a cada final e início de ano, oferecendo parque de diversões, exhibições de mamulengos, circenses e shows musicais ou cômicos para todas as idades, além de concursos infantis.

Já em 1937 estreou, no Teatro de Santa Isabel, a revista cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, da professora Maria Elisa Viegas, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro, grandiosa montagem que contou com o maestro Nelson Ferreira regendo a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Foram cinco sessões no total, mas tratava-se de uma obra com números variados, de caráter didático e cívico, e não com dramaturgia pensada para o imaginário da infância. Foi somente com a estreia de *Branca de Neve e os 7 Anões* em 1939, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, com elenco do Grêmio Cênico Espinheirense, que o Recife pôde começar a ver uma sequência de peças feitas por e para crianças, em projeto que finalmente abriu espaço para a diversão teatral da criançada como público específico, agora não mais pegando carona em obras voltadas aos adultos.

Na realidade, através do Grupo Gente Nossa Valdemar pôs em prática algo que já vinha divulgando, o teatro para e com crianças, ideia da educadora Juanita Machado, que em 1936 tentou no Recife, sem sucesso, criar um Teatro Infantil de caráter essencialmente pedagógico, seguindo os passos do Teatro da Criança, ação dos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowsky desde 1931, no Rio de Janeiro, com apresentações de textos curtos, recitais de poesias, pianistas, cantores e coreografias em atos variados desempenhados por meninos e meninas. Ainda em 1938, quando soube da possibilidade de inauguração de um núcleo de Teatro Infantil pelo Departamento de Educação do Estado, tendo à frente a educadora Maria Elisa Viegas de Medeiros, ele já havia comemorado em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (27 jul. 1938, p. 12):

Compreenderam, as autoridades de educação, que é o teatro um meio pedagógico do maior alcance e que a sua organização, cuidadosa dentro dos princípios morais que devem nortear a instrução, na infância, representa um elemento de que não pode prescindir um aparelhamento educacional moderno. Para uma criança, sua instrução e sua educação, o teatro é meio caminho andado: obriga-a à leitura, define-lhe as tendências intelectuais, exercita-lhe a memória, agiliza-lhe a mímica, põe-na em contato com a música e com a dança, ensina-a a falar, familiariza-a com o público, dá-lhe a conhecer originais de valor, proporciona-lhe conhecimentos gerais que levaria anos a aprender, infunde-lhe o espírito de disciplina e de ordem, estimula-lhe as faculdades superiores da inteligência, fá-la encarar a escola sob outro aspecto – o da instrução conduzida pela recreação – incute-lhe um sentido superior da vida.

No entanto, todas estas tentativas anteriores fracassaram. Somente a partir de 1939 uma verdadeira reviravolta aconteceu no teatro recifense, finalmente com atenção aos pequeninos intérpretes e espectadores, agora com arte própria para o seu mundo. É importante registrar a influência de Valdemar de Oliveira como homem respeitado pelo poder público e com voz autorizada para lançar algo que, até então, estava fora de cogitação: o teatro específico à meninada na mais imponente casa de espetáculos do Recife, centro de gravitação de toda a atividade cultural, política e social em Pernambuco. Para tanto, impôs a condição indispensável de contar com o incentivo financeiro da municipalidade e do Estado.

Graças aos recursos conseguidos – que lhe possibilitaram, inclusive, investir em campanhas publicitárias na imprensa, com anúncios constantes nos jornais –, na manhã do domingo 5 de março de 1939, a partir das 10 horas, ele deu início à 1ª Grande Matinal Infantil do Grupo Gente Nossa no Teatro de Santa Isabel, com a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, cinco meses após a estreia do filme homônimo da Disney nos cinemas do Recife.⁴ No elenco, somente intérpretes dos quatro aos doze anos, todos integrantes do Grêmio Cênico Espinheirense.

A estratégia de escolher uma obra tão conhecida por todas as crianças não foi por acaso. O próprio historiador Walter Benjamin (1985. p. 238) atesta: “A criança lida com os elementos dos contos de fadas de modo tão soberano e imparcial como com retalhos e tijolos.

⁴ O filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, primeiro longa-metragem de animação dos estúdios Disney, lançado em 1937 nos Estados Unidos, chegou à capital pernambucana em outubro de 1938, com temporada de sucesso primeiramente no Cine-Teatro do Parque e, em seguida, no Cine-Moderno. A receptividade foi tamanha no Brasil que o filme ganhou versão radiofônica pelas mãos do dramaturgo Raymundo Magalhães Jr., com os mesmos diálogos e músicas da obra cinematográfica, transformando-se num grande sucesso do radioteatro no Rio de Janeiro e com repercussão no país inteiro. Foi veiculada pela primeira vez no Recife no dia 20 de outubro de 1938, pela Rádio Clube de Pernambuco, das 19 às 20 horas, com patrocínio dos produtos Peixe.

Constrói seu mundo com esses contos, ou pelo menos os utiliza para ligar seus elementos. O mesmo ocorre com a canção. E com a fábula”. Valdemar de Oliveira soube, assim, trazer à cena, numa reunião de todos esses elementos lúdicos, algo que perdurou na sequência de montagens apresentadas em seu projeto de teatro para crianças, a identificação com uma cena teatral tão aguardada por meninos e meninas.

Todas as crianças no palco eram artistas iniciantes, mas profissionais importantes compuseram a ficha técnica, como os pintores Mário Nunes e Álvaro Amorim, que assinaram os cenários, e Antônio Paurílio, da P.R.A.-8, a Rádio Clube de Pernambuco, que dirigiu a orquestra, tocando no fosso do teatro. Seguindo-se à peça, foi apresentado um ato variado com os cantores Iracema Diniz e Rômulo Paiva, do Programa Juvenil da P.R.A.-8; além de números do humorista Salomão Absalão, do grupo Boca de Forno e da dupla The Black Boys. Dois detalhes curiosos foram a instalação de um microfone no palco, para o público ouvir os pequeninos artistas, e a distribuição gratuita de leite pasteurizado. Essa alternativa de brindes às crianças perdura, ainda hoje, em alguns espetáculos por todo o Brasil.

Até aquele momento, vale ressaltar, as crianças desfrutavam de poucas opções de diversão cultural no Recife. Nos cinemas, por exemplo, eram raras as sessões dedicadas ao público mirim (Valdemar de Oliveira [193-]⁵ chegou a afirmar que os programas cinematográficos destinados aos meninos, “em vez de educar, faziam o contrário”). Um dos poucos a promover matinês dominicais já há algum tempo, com filmes de censura livre, mas não voltados especificamente às crianças, era o Cine-Moderno, que anunciou, para aquele mesmo dia e horário da peça, *Jim das Selvas*, com Grant Withers e Betty Jane Rhodes, seguido do faroeste *Tenacidade*, com o querido cowboy John Wayne. Ou seja, fortes concorrentes. Para piorar, aquele era um feriado local prolongado, com a segunda-feira sendo dedicada a Revolução Pernambucana de 1817, portanto, pais e filhos já poderiam ter-se dirigido às praias.

Mas a ideia deu certo. E provavelmente até mesmo Valdemar de Oliveira deve ter se surpreendido com a resposta de público, que lotou o Teatro de Santa Isabel até a torrinha, consagrando sua proposta de oferecer, com cobrança de ingressos populares, teatro à meninada. Tanto que, a pedidos, uma nova sessão da peça foi agendada para o domingo seguinte, 12 de março de 1939, contando com mais um ato variado com números do ator paulista Joca Silva, sapateador, parodista cômico e imitador de animais, estreia das Irmãs

⁵ OLIVEIRA, Valdemar de. Teatro Infantil. Acervo Teatro de Amadores de Pernambuco. [193-].

Oliveira cantando, e uma cena curta final concluída com a marcha carnavalesca *O Gordo e o Magro*, sucesso do período. Na ocasião, a Fábrica Pilar distribuiu 600 caixas de biscoito à plateia. A montagem foi saudada pelo jornal *Folha da Manhã* (6 mar. 1939, p. 8):

O teatro esteve repleto. Cerca de oitocentas crianças disputavam lugares nas poltronas e frisas do *Santa Isabel*, desde às 9 horas e o espetáculo agradou plenamente. Encenada *Branca de Neve*, houve um intervalo de meia hora para distribuição de leite à gurizada. O leite distribuído em quartinhos era entregue às crianças pelo dr. Valdemar de Oliveira, diretor do Teatro e senhoras da alta sociedade. [...] O grande êxito obtido, ontem, pelo teatro infantil em Pernambuco mereceu que todos os domingos de agora em diante haja representação no gênero, o que vale dizer que o teatro será de futuro no Recife uma escola de grande efeito para educação artística das crianças.

Após a certeza da resposta positiva do público mirim com a produção do Grêmio Cênico Espinheirense, Valdemar de Oliveira decidiu reunir crianças filhos de pessoas da melhor sociedade do Recife num elenco próprio, incluindo seus dois rebentos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, respectivamente com nove e dez anos naquele período, para participar de peças que se caracterizariam ainda mais pelo cunho instrutivo e educativo. Lançou, então, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, departamento autônomo com a intenção de promover projeto teatral voltado especificamente à criança, fomentando, inclusive, a dramaturgia neste segmento. Em diálogo com o ideal higienista, suas intenções de “formação”, inclusive de público futuro, eram nítidas e respondiam à visão que se tinha da criança ideal, aquela saudável, bem educada, uma promessa de virtudes.

O lançamento aconteceu na 3ª Grande Matinal Infantil, dividida em duas partes, no domingo 19 de março de 1939. Inicialmente, foram vistas três peças curtas no desempenho da meninada: *Com a Rainha é Assim...*, *O Valente e o Inteligente* e *Prisioneiro de Guerra*, de autoria de Joracy Camargo e Henrique Pongetti.⁶ Finalizou o programa, a revista *A Hora do Calouro*, de José Capibaribe, pseudônimo do próprio Valdemar de Oliveira, criado anos antes para assinar a revista *Sai, Cartola!*, de 1927, além de marchinhas populares. Na última parte

⁶ Os jornalistas Henrique Pongetti e Joracy Camargo são autores do livro *Teatro da Criança*, publicado em 1938. A obra “se junta a muitas outras que pretendem transmitir valores e contribuir para a construção de identidades políticas e culturais. [...] São 18 histórias variadas, pautadas por mensagens subliminares de caridade e bom comportamento. Em ‘Com a rainha é assim’, uma rainha recebe a notícia de que as mães pobres do reino estão tramando uma revolução. Ela se apavora: ‘Uma revolução! E o senhor sabia que só as revoluções e as baratas me fazem tremer!’. Ao saber que as criancinhas não têm o que vestir e estão passando frio, a rainha, comovida, resolve cortar as caudas de todos os seus vestidos a fim de fazer roupinhas para as crianças. Superada a crise, a rainha é ovacionada com ‘Vivas!’”. JORDÃO, Lia. *Sobe o pano! manual destinado a crianças aproveita a linguagem do teatro para transmitir valores morais*. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-do-documento/sobe-o-pano>>. Acesso em: 7 set. 2015.

da apresentação, a cantora adolescente Maria Celeste estreou interpretando sambas. Nos intervalos, houve números variados com Paulo Bezerra, outro cantor adolescente. Mas as expectativas daquele domingo já estavam, de fato, voltadas para a próxima Grande Matinal Infantil, a 4ª em sequência, que marcaria o lançamento de *A Princesa Rosalinda*, primeira opereta infantil escrita e musicada por Valdemar de Oliveira, em caráter de superprodução.

Durante toda aquela semana, a publicidade nos jornais alardeou: “Montagem em 2 atos e 7 quadros de Valdemar de Oliveira. Guarda-roupa luxuoso. Lindos bailados. Números de música e de baile. Inteiramente interpretada por crianças” (saliento que havia uma adulta no papel da Avozinha, Lourdes Monteiro, atriz do Grupo Gente Nossa desde a sua fundação em 1931). Com diversos cenários – os clássicos telões pintados da época – assinados por Mário Nunes e texto, música e direção de Valdemar de Oliveira, com o próprio autor regendo os músicos no fosso do Teatro de Santa Isabel, a opereta infantil *A Princesa Rosalinda* estreou na matinal do domingo 26 de março de 1939. O enredo começa com uma avozinha contando aos seus três netos a história da protagonista (interpretada pela atriz/cantora mirim Anita Dimenstein). No livro *Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX*, que escrevi (FERRAZ, 2016, p. 23-24), descrevo o enredo do que se via em cena:

A trama faz uma louvação à fantasia e, principalmente, aos “bons costumes”: num reino distante, a princesa Rosalinda vivia só e muito triste. Ao ceder uma esmola para uma mendiga, sem saber que se trata de uma fada disfarçada, esta lhe revela que existe um príncipe adormecido há anos numa rosa do jardim real. Desencantado pela fada, o Príncipe Walter apaixonou-se pela princesa e pede a mão da jovem ao rei. Como há diversos outros pretendentes, o soberano decide que sua filha se casará com aquele que praticar a mais bela ação dentro do mínimo possível de tempo. O príncipe ganha a competição ao revelar que transformara em moedas o seu palácio para espalhá-las entre o povo. [...] No enredo, note-se a importância dada às boas ações, como mais um aprendizado à criançada.

A cantora Maria Celeste apresentou-se no intervalo e houve distribuição gratuita de 720 latinhas de goiabada Peixe à plateia, oferta da firma Carlos de Britto & Cia. Permanecendo em cartaz aos domingos, por mais de um mês, algo raro para a época, devido ao sucesso de público (excetuando no dia 23 de abril de 1939, quando *Branca de Neve e os 7 Anões* foi reapresentada), a despedida da temporada aconteceu em 7 de maio de 1939, dividindo a cena com um ato variado formado pela peça curta *Com a Rainha é Assim...*, tendo a menina Lenira Vilaça no papel título, além de números com a dupla Ferreira Castro e o cô-

mico Picolino, do elenco do Circo Nerino. Latinhas do Doce Leão foram distribuídas ao público pela empresa Amorim, Costa & Cia.

Prosseguindo nesta nova forma de diversão para as crianças, agora com dramaturgia e artistas dialogando de igual para igual, a 14 de maio de 1939 o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa lançou a “fantasia musical” *O Pequeno Polegar*, adaptação de Coelho de Almeida a partir do conto do escritor francês Charles Perrault, com música de João Valença. Dividida em 2 atos e 8 quadros, a peça ocupou o Teatro de Santa Isabel por duas manhãs dominicais. No palco, além de quinze crianças e adolescentes, a participação do ator adulto Gerson Vieira, do Grupo Gente Nossa. A garota Lenira Vilaça vivia a personagem principal, Polegar, mas não era a única a interpretar papel masculino.

A 18 de maio de 1939, excepcionalmente numa quinta-feira, *A Princesa Rosalinda* voltou ao palco do Teatro de Santa Isabel, às 10 horas, para realizar um festival em benefício da Matriz de São José, ou seja, com renda revertida para esta instituição, totalizando sete apresentações. Este caráter beneficente era comum nos espetáculos da época. Já *O Pequeno Polegar* fez sua segunda e última apresentação na matinal de 21 de maio de 1939. A partir daí, o Teatro de Santa Isabel passou a ser ocupado pela Companhia de Comédia Palmeirim-Cecy. Essa presença de companhias de fora por semanas era bem frequente naquele palco, o que gerava desconforto com as produções locais, isto sem contar com os diversos concertos musicais que lá aconteciam e até mesmo formaturas colegiais, entre outras atividades. Tal situação de pauta constantemente disputada vai perdurar por décadas (até hoje!), com reclamações constantes dos artistas e da imprensa.

Sem acesso aos domingos no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira desistiu de promover as matinais dominicais por um tempo, muito provavelmente também pela constante programação adulta que o Grupo Gente Nossa mantinha nos cineteatros dos subúrbios do Recife, inclusive com viagens programadas para outras cidades. Mas não morreu o seu sonho de um teatro direcionado à infância. Em agosto de 1939, alguns dias após a celebração do 8º aniversário do Grupo Gente Nossa, chegou uma notícia aguardada há anos, enviada pelo diretor do Serviço Nacional de Teatro (SNT), senhor Abadie Faria Rosa: “Comunico snr. presidente Getúlio Vargas concedeu ao Grupo Gente Nossa uma subvenção de quinze contos de réis. Saudações”, segundo publicação em letras garrafais no *Jornal do Commercio* (6 ago. 1939, p. 8). Certamente a promoção de peças para crianças, para além do repertório adulto,

deve ter contribuído para legitimar ainda mais a importância da equipe junto ao Governo Federal.

No entanto, somente após os festejos carnavalescos de 1940, a 25 de fevereiro, às 10 horas, bastante aguardado pelo público, o núcleo de Teatro Infantil voltou a ocupar o Teatro de Santa Isabel, reentrando por lá com *Terra Adorada!*, peça de nítida intenção cívica, com texto, música e direção de Valdemar de Oliveira, também na regência da orquestra. Nos 2 atos e 8 quadros, além de “19 belíssimos números de música!” e “luxuoso guarda-roupa!”, como ressaltavam os anúncios da época, vinte e um componentes atuavam, na sua maioria crianças e adolescentes, com presença mínima de adultos. O enredo de *Terra Adorada* mostra um grupo de meninos que, a bordo do Zeppelin, faz um passeio por vários países até retornar ao Brasil, “onde não há nada melhor”. Os cenários de Álvaro Amorim, com representações de ambientes na Europa, China e América do Norte e Sul, ganharam destaque à parte.

Por sua atuação no papel de Mimi, uma boneca que acompanha os garotos pelo *tour* mundial, Luizinha de Oliveira, filha da atriz Luiza de Oliveira, integrante de longa data no Grupo Gente Nossa e também em cena nesta montagem, sobressaiu-se desta vez. A repercussão de *Terra Adorada* foi tanta, que a peça até foi assistida, em vespéral, pelos chefes dos governos dos estados nordestinos numa homenagem especial aos interventores federais, prova nítida do atrelamento desse teatro com a política da época. Sobre a montagem, o interventor de Pernambuco, Agamenon Magalhães, escreveu para a *Folha da Manhã* (12 mar. 1940, p. 3):

Recife, com o teatro infantil de Valdemar de Oliveira, tem tido horas de emoções delicadas. Horas de emoções altas. A sua peça – *Terra Adorada* é um primor de arte. Arte que fixa a inquietação da criança no século XX, dando realidade ao sonho do menino, em quem o Zeppelin despertou a curiosidade de conhecer o mundo. [...] e voltam as crianças loucas pelo Brasil. Loucas pela Terra Adorada, com as suas praias, os seus coqueiros, as suas acácias, os seus pássaros, as suas árvores frutíferas, o céu claro, o clima igual, a música, os tipos regionais, a alegria, a fartura e a paz. Sente-se que os meninos viram no velho mundo o que as crianças não gostam de ver, nem de sentir. A exasperação, o sofrimento, sentimentos estranhos e desconhecidos num país cheio de espaços, num país grande e tranquilo como o Brasil. [...] Não sei de acontecimento mais original, nem mais edificante, nos anais do teatro brasileiro.

Através da imprensa, Valdemar de Oliveira publicou várias outras cartas elogiosas à montagem, legitimando-se cada vez mais através delas. E contando ainda com o patrocínio do

SNT, do interventor Agamenon Magalhães e do prefeito Novaes Filho, fez voltar à cena *A Princesa Rosalinda* no domingo 5 de maio de 1940, às 10 horas, reformulada para melhor, com elenco onde se mesclavam antigos e novos integrantes. Tanto que no dia da estreia o *Jornal do Commercio* (5 mai. 1940, p. 4) destacou: “Novos Intérpretes – Novos Cenários – Novas Marcações – Nova Orquestração – Nova Montagem – Novos Números de Música”. Centenas de Biscoitos Aymoré foram entregues aos “petizes” no público.

No total, *Terra Adorada* e *A Princesa Rosalinda* foram apresentadas 21 vezes no ano de 1940, isto sem contar o “festival da pequena Maria Celeste, com a colaboração de outros elementos do teatro infantil do Grupo Gente Nossa, que interpretaram *O Chefe Político* e um ato de variedades”, conforme o *Jornal do Commercio* (21 abr. 1940, p. 4). Em julho daquele ano, Valdemar de Oliveira viajou ao Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, para negociar, junto ao SNT, a ida dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa para o Teatro Carlos Gomes, com cerca de 25 crianças acompanhadas por seus respectivos responsáveis, “cujos pais às vezes davam mais trabalho do que elas”, desabafou no livro *Mundo Submerso* (OLIVEIRA, op. cit., p. 12).

O desejo desta viagem “incendiou-o” quando soube de um espetáculo infantil realizado pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, no mesmo Teatro Carlos Gomes, sob coordenação de J. Palhano e Olavo de Barros. Ele pensou, então, numa possível confraternização da sua equipe com os colegas cariocas. A ideia foi bem recebida pelo diretor do SNT, Abadie Faria Rosa. Na imprensa, tanto do Rio quanto do Recife, Valdemar anunciou que estava programando a viagem para dezembro, por conta das férias escolares do seu elenco. Além de tecer elogios aos governantes pernambucanos por o apoiarem, em entrevista ao *Jornal do Commercio* (14 jul. 1940, p. 4), ele reforçou a importância de mais ações como esta:

É preciso que os poderes públicos encarem, decididamente, o teatro, como um fator pedagógico de primeiro plano. E corram em auxílio desses idealistas que se abalançam a realizar, no Brasil, coisa mezinha em qualquer nação civilizada. Não é outra coisa que vêm fazendo o interventor Agamenon Magalhães e o prefeito Novaes Filho – as mais altas autoridades do meu Estado – prestigiando, de todos os modos, o Grupo Gente Nossa e, com ele, a sua secção mais interessante – o teatro infantil.

Infelizmente, o projeto de levar espetáculos ao Rio de Janeiro ficou só no desejo. No Recife, por conta da temporada de um mês da Companhia Renato Vianna no Teatro de Santa

Isabel, Valdemar de Oliveira foi novamente obrigado a parar as atividades do seu grupo infantil que, em agosto, anunciou como próxima montagem, *No País dos Gulosos*, peça de Juanita Machado e Filgueira Filho, com música de Nelson Ferreira, algo que não vingou. Também foi divulgada no *Jornal do Commercio* (6 out. 1940, p. 4) a possibilidade de novos ensaios para a revista cívica *Terra Adorada*, “inteiramente remodelada e que deverá ser a peça de estreia do referido conjunto no Teatro Regina, do Rio, em dezembro próximo”, mas este projeto também foi abortado.

Somente no domingo 23 de março de 1941, às 15 horas, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa estreou novo espetáculo, *Em Marcha, Brasil!*, em 2 atos e 30 números musicais, sob direção e regência de Valdemar de Oliveira, denominada por ele de grande revista cívico-escolar. A proposta tinha um objetivo claramente didático aliado ao aspecto patriótico, “comum a quase todas as manifestações que envolviam a mocidade da época”, como lembrou Fernando de Oliveira,⁷ um dos atores a integrar aquele elenco. O espetáculo trazia uma orquestra com quatorze professores ligados à Rádio Clube de Pernambuco, entre eles, Nelson Ferreira ao piano, além da participação da banda de clarins e uma patrulha da Associação Pernambucana de Escoteiros. Eram 48 pessoas em cena, quase todos meninos e meninas (na imprensa, divulgava-se os nomes dos pais de cada um como para provar que eram “filhos de boa família”), com presença de poucos adultos. Além de luxuoso figurino, o “bailado” do 9º quadro – eram dezessete no total – foi ensaiado pelos conceituados bailarinos argentinos Lúcia Morel e Raul Celada. No cenário, reproduções de telas dos pintores Baltazar da Câmara, Mário Nunes, Álvaro Amorim e Carlos Amorim.

A montagem, de caráter assumidamente educativo, contava com trechos como *Higiene Matinal*, *Lição de Leitura*, *Lição de Música*, *Lição de Ciências Físicas*, *Lição de Aritmética*, *Lição de História Natural*, *Descobrimento do Brasil*, *1ª Missa no Brasil*, *Batalha dos Guararapes*, *O Grito do Ipiranga*, *A Batalha do Riachuelo*, *A Proclamação da República* e *Os 18 de Copacabana*. No intervalo, houve sorteio, entre as crianças da plateia e do palco, de dois livros de literatura infantil ofertados pela Companhia Editora Nacional. No livro de memórias *O Palco da Minha Vida*, o ator Reinaldo de Oliveira (2013, p. 27-28) lembrou sua participação:

⁷ OLIVEIRA, Fernando de. Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2011.

Na “Em Marcha Brasil”, fazia o aluno Pedro pois tudo era ensinamento para a garotada com aulas de Ciência, História, Geografia, Matemática, Música e Botânica. O término do segundo ato da peça incluía a queda de centenas de bolas de gás, coloridas, de cima, do lustre do Santa Isabel, até a plateia que ficava em alvoroço para colher algumas delas e levar para casa. Hoje é comum se decorarem festas com milhares de bolas mas, naquele tempo, era difícil se conseguir alguma. [...] Era um delírio total. O Teatro Infantil preparou as gerações do futuro que se haveriam de empolgar com o ambiente teatral pernambucano [...] Eu me considero um discípulo de tudo isso, um aluno aplicado que aprendeu, bem, as lições.

Não é de se estranhar esta valorização ao aprendizado no projeto para a infância de Valdemar de Oliveira. Como uma resposta àquela época, ele encarava o teatro como uma verdadeira escola e o incentivava principalmente como prática nos colégios e cursos particulares. Tanto que chegou a declarar [193-]:⁸

A prática do teatro exercita a criança a ler e mais claramente a falar. Falar certo, respeitando as inflexões justas e obedecendo a pontuação. Vícios de linguagem são combatidos; defeitos de articulação se corrigem; controlam-se maus hábitos vocais; disciplina-se a emissão de voz, valoriza-se a palavra, exercita a atenção, sempre alerta às múltiplas oportunidades da ação cênica, revigora a memória, no curso da fixação mental dos textos, cultiva a vontade, preocupada com o melhor rendimento intelectual, aperfeiçoa o raciocínio, no jogo das associações de ideias. Além disso o senso da responsabilidade acorda, o espírito de colaboração se faz sentir na composição dos conjuntos. E outras virtudes morais são cultivadas: a pontualidade nos ensaios, a seriedade nas interpretações, o trabalho de equipe no levantamento da montagem, tudo devendo ser feito, sob as ordens de professores especializados. Uma escola de teatro para criança não tem como objetivo único formar atores e atrizes, como a educação física não é formar atletas e acrobatas. É, sem que a criança sinta, instruir e educar, formar caracteres, erguer personalidades, rasgar horizontes, prender o espírito infantil à sua terra, pelo amor à sua natureza, pelo entusiasmo por sua história, pelo cultivo das boas tradições. Em seu significado mais amplo, o teatro infantil é uma iniciação à beleza, um culto à verdade e um convite à imaginação – a imaginação sem limite com que a criança percorre o seu reino maravilhoso.

A estreia de *Em Marcha, Brasil!*, o último dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, aconteceu dias antes do lançamento do Teatro de Amadores, departamento autônomo do Grupo Gente Nossa, apenas com adultos na equipe. Com caráter filantrópico e renda revertida para instituições de caridade, Valdemar de Oliveira começou, assim, a longa trajetória do seu novo grupo amadorista, uma das razões para ter desistido de suas produções

⁸ O QUE Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil. Acervo Teatro de Amadores de Pernambuco. [193-].

para crianças devido a tantos compromissos com o repertório adulto, em consonância com a falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, muito à mercê das temporadas das companhias visitantes. O intrigante é que o espetáculo *Em Marcha, Brasil!* consagrou-se naquele ano, totalizando oito apresentações de casa cheia. Saiu de cena por pura falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, que passou a ser ocupado pela Companhia de Comédias Delorges Caminha.

Mesmo à frente de cinco produções adultas naquele ano de 1941, Valdemar de Oliveira ainda anunciou o desejo de montar novo trabalho pelo Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, mas isto não aconteceu. Somente de outubro e novembro de 1942 seis novas sessões de *Em Marcha, Brasil!* foram agendadas no Teatro de Santa Isabel, totalizando quatorze récitas de casa sempre cheia, as últimas com renda voltada à campanha de compra de um avião pela Aeronáutica no Recife. E o grupo terminou sua trajetória assim. Vale registrar que, durante todo esse tempo, nenhum diretor do Grupo Gente Nossa recebeu qualquer tipo de pagamento, incluindo o mentor de toda esta trajetória, Valdemar de Oliveira.

Uma das justificativas para este fim, várias vezes lembrada nos jornais, era a dificuldade em ensaiar tantas crianças e encenar as peças em outro palco que não o do Teatro de Santa Isabel, já que era necessário aproveitar os intervalos entre as temporadas teatrais das companhias itinerantes para aparecer. Isto sem contar o envolvimento cada vez maior de Valdemar de Oliveira à frente do grupo Teatro de Amadores, com peças exclusivamente ao público adulto,⁹ seu maior ideal artístico a partir de então. No entanto, toda esta pioneira experiência voltada à infância foi um enorme estímulo à constituição do campo teatral infantil no Recife, reconhecendo a criança como consumidor de produtos artísticos específicos e inserindo novas práticas sociais e culturais para milhares de famílias, de 1939 a 1942, servindo ainda como exemplo de sucesso às futuras produções do teatro pernambucano.

Se tanta história aqui pontuada nos chega fragmentada, é porque nenhum repertório de lembranças é contínuo. Algumas recordações submergem para sempre em nossa memória; outras, emergem à superfície. Ainda que minimamente, tentei aqui trazê-las à tona de alguma forma. Para concluir, um trecho do livro *Trama: um olhar sobre o teatro infantil ontem e*

⁹ O Teatro de Amadores (futuramente “de Pernambuco” – TAP) só produziu peças para crianças a partir de 1974, com nova montagem de *Terra Adorada*, texto e direção de Valdemar de Oliveira. Respectivamente em 1975 e 1978, com o TAP-Júnior, surgiram ainda as versões de *A Revolta dos Brinquedos* e *Os Saltimbancos*, ambas sob direção de Adhelmar de Oliveira (hoje, Pedro Oliveira). Em 1999, numa nova adaptação, estrearam *Terra @dorada* pelo TITAP (Teatro Infantil do Teatro de Amadores do Pernambuco), sob direção de Fernando de Oliveira e, em 2007, pelo TAP-Jovem, *Neste Milênio Tudo Pode Acontecer*, dirigida por Marcos Portela, mais voltada ao público infantojuvenil.

hoje, do pesquisador Carlos Augusto Nazareth (2012, p. 42), vem bem a calhar: “E nesta busca de manter viva esta criança é que os criadores acompanham o seu tempo, com o olho no futuro, o pé em suas raízes e suas cabeças eternamente no sonho”.

Referências:

AMANHÃ – Vespéral do “Grupo Gente Nossa”. **Diario de Pernambuco**. Recife, 28 nov. 1931. Cenas & Telas, p. 4.

“A PRINCESA Rosalinda” será encenada, hoje, no Santa Isabel. **Jornal do Commercio**. Recife, 5 mai. 1940. Vida Artística. p. 4.

ARAÚJO, José Carlos Souza (Org.). **A Infância na Modernidade**: entre a educação e o trabalho. Uberlândia: EDUFU, 2007.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AS ATIVIDADES do Grupo Gente Nossa. **Jornal do Commercio**. Recife, 21 abr. 1940. Vida Artística. p. 4.

A VESPERAL no “Santa Isabel” – O espetáculo na noite no São Miguel. **Diario de Pernambuco**. Recife, 4 dez. 1932. Vida Teatral/O Grupo Gente Nossa e os seus espetáculos de hoje, p. 8.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Volume 1. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BERNARTT, Roseane Mendes. A infância a partir de um olhar sócio-histórico. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2601_1685.pdf>.

CACCIAGLIA, Mario. **Pequena História do Teatro no Brasil (Quatro Séculos de Teatro no Brasil)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

COMPANHIA Infantil. **Jornal do Recife**. Recife, 8 ago. 1893. Teatros e Salões, p. 3.

COMPANHIA Negra de Revistas. **A Província**. Recife, 13 abr. 1927. Teatros e Cinemas/Parque, p. 3.

CINE Teatro da Paz. **Diario de Pernambuco**. Recife, 12 jun. 1931. Cenas & Telas, p. 2.

DO SNR. Abadie Faria Rosa... **Jornal do Commercio**. Recife, 6 ago. 1939. Vida Artística. p. 8.

FERRAZ, Leidson. **Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX** (Volume 01). Recife: Ed. do Autor, 2016.

GRUPO Gente Nossa. **Diario de Pernambuco**. Recife, 29 mar. 1933. Cenas & Telas, p. 5.

JORDÃO, Lia. Sobe o pano!: manual destinado a crianças aproveita a linguagem do teatro para transmitir valores morais. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-do-documento/sobe-o-pano>>.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Revista Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, 1998.

MAGALHÃES, Agamenon. Teatro infantil. **Folha da Manhã** – Edição das 16 Horas. Recife, 12 mar. 1940. p. 3.

NAZARETH, Carlos Augusto. **Trama**: um olhar sobre o teatro infantil ontem e hoje. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

OLIVEIRA, Fernando de. Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm>>.

OLIVEIRA, Reinaldo de. **O Palco da Minha Vida**. Recife: Bagaço, 2013.

OLIVEIRA, Valdemar de. **Mundo Submerso (Memórias)**. 3. ed. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

_____. **O Teatro Infantil, no Recife**. Acervo Teatro de Amadores de Pernambuco. [193-].

_____. **Origem do Teatro, no Brasil**. Acervo Teatro de Amadores de Pernambuco. [197-].

_____. **Teatro Infantil**. Acervo Teatro de Amadores de Pernambuco. [193-].

O QUE Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil. Acervo Teatro de Amadores de Pernambuco. [193-].

O RIO reconhecerá o teatro infantil de Pernambuco. **Jornal do Commercio**. Recife, 14 jul. 1940. Vida Artística. p. 4.

PANORAMA do Recife Artístico. **Jornal do Commercio**. Recife, 6 out. 1940. Vida Artística. p. 4.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das Crianças no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

TEATRO para crianças todos os domingos. **Folha da Manhã** – Edição das 16 Horas. Recife, 6 mar. 1939. p. 8.

TEATROS e Diversões. **Diario de Pernambuco**. Recife, 26 out. 1902. p. 2.

TEATRO Santa Isabel. **Diario de Pernambuco**. Recife, 5 mai. 1931. Cenas & Telas. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... **Jornal do Commercio**. Recife, 27 jul. 1938. Notas de Arte. p. 12.